

ENTREVISTA COM ANTONIO PITAGUARI

Intercâmbio Conscienciologia-Parapsicologia – Década de 1990

Alexandre Zaslavsky

Antonio Pitaguari é administrador e professor universitário, com formação específica em Logística Empresarial, pós-graduado em Gestão da Aprendizagem e em Metodologias Ativas de Aprendizagem e atualmente também formando em nutrição. Tradutor de *Scientific Exploration of Consciousness – Toward a New Epistemology* (1994), de Willis Harman e Christian de Quincey, pioneiro da Conscienciologia na Europa, implantando centros educacionais em Lisboa (1994) e Londres (1997), editor da revista *Conscientia* (2003-2016), professor junto com Laênio Loche do curso Heterocrítica de Obra Útil desde 2004, editor e prefaciador de *A Filosofia do Meio* (2004 e 2ª edição, 2017) de Zi-Si (neto de Confúcio), coordenador da Prova Geral de Conscienciologia desde 2006, pioneiro junto com Adriana Lopes, na revisão dos verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia (2007-2013), coautor, com Marina Thomaz, da obra *Redação e Estilística Conscienciológica* (2010), coorganizador, também com Marina Thomaz, da obra *Tenepes: Assistência Interdimensional Lúcida* (2015) e atualmente à frente do projeto Autonomia em Saúde. Antonio gentilmente concedeu essa entrevista no dia 18 de abril de 2018, na Cognópolis Foz do Iguaçu.

Você pode contar como foi sua experiência com a Projeciologia e Conscienciologia no exterior do Brasil? Para onde foi? Com que intenção?

Em 1990, cheguei ao Instituto [Internacional de Projeciologia – IIP], conheci o professor Waldo e fiquei encantado com o conteúdo, o conhecimento, a explicação mais lógica para as experiências que eu buscava entender. Morava em Teresópolis, RJ, na época e comecei a ir com frequência para o Instituto, que se localizava no bairro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. Meus pais moravam em Ipanema, bem próximo de onde vivia o professor Waldo. Acabei vendendo a empresa que eu tinha e voltei a morar no Rio, dedicando-me integralmente ao Instituto. Comecei a fazer Psicologia. Tornei-me professor itinerante, viajava por todo o Brasil, bastante envolvido e interessado na Projeciologia e Conscienciologia. Sou muito grato ao Waldo, por todo o apoio que me deu desde o início, por exemplo oferecendo-me a oportunidade de trabalhar com a revisão do 700 [Experimentos da Conscienciologia] e com a digitação das suas fichas manuscritas pessoais de pesquisa contendo as 5116 referências dessa obra, tarefa realizada em conjunto com a Cristiane Ferraro

e a Neide Figueiredo. Logo em seguida à publicação do 700, teve início o movimento de internacionalização do Instituto. A Málu [Balona] foi para Buenos Aires, o Wagner [Allegretti] e Simone [de la Tour] foram respectivamente para Miami e New York, nos Estados Unidos. Naquele momento descobri, no Jornal Folha de São Paulo, que a Feira Internacional de Livros de Frankfurt, o principal evento livreiro internacional, que iria ocorrer em outubro de 1994, tinha o Brasil como tema central. Além disso, para ajudar a ida dos editores brasileiros à Europa, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) estava também organizando, na semana anterior, uma Feira de Livros Brasileiros em Lisboa. Estimulado pelo recente lançamento, senti que seria excelente oportunidade de apresentar o 700 nestes dois eventos. Na época, o Diretor Administrativo do Instituto era Homero Torres que, depois de considerar e concordar com a participação do IIP nos dois eventos, me questionou: por que você não fica lá? E assim foi, adquirimos um Stand na Feira em Lisboa e uma prateleira no Stand da CBL em Frankfurt. Em 1994, seguindo à participação nas duas feiras, começamos as atividades em Lisboa, Portugal, com uma série de palestras, dois P1 e um P2, além de uma conferência realizada pelo professor Waldo Vieira, no Instituto de Espanha, salvo engano em 04 de novembro de 1994. Para começar essas atividades, levamos do Rio de Janeiro, além dos livros, talvez uma ou duas centenas de contatos de amigos e da base de dados internacional que o Instituto possuía naquela época. Vale ressaltar que gostei demais de Lisboa. Foi muito interessante mesmo viver e interagir com o povo português. Enquanto estive em Lisboa, talvez não tenha me dado conta do quanto gostei de passar quase 3 anos lá. Achava Lisboa pequena e provinciana. Eu queria de todo modo estar mais perto dos meandros da ciência. Sonhava com a ideia da produção científica e a possibilidade de interagir com os pesquisadores da consciência. Enquanto estive em Lisboa, cheguei a fazer duas ou três viagens a Londres, Inglaterra. Em nossa lista de contatos, tínhamos um simpático e jovem casal, o Marcelo e a Tiane, que trabalhava em um pequeno e confortável Hotel na capital inglesa e onde fiquei hospedado nessas visitas. Uma delas me marcou muito, foi quando visitei a Royal Geographical Society para uma palestra do **Oliver Sacks**¹. Eu havia lido um livro dele no curso de Psicologia, *O Homem que Confundiu sua Mulher com um Chapéu*. Lembro de ficar intrigado com aquela obra. Seria muito interessante conversar com ele. Será que ele conhecia e como encarava a experiência fora do corpo? Peguei um 700 e fui para Londres encontrar o homem.

1 **Oliver Wolf Sacks** (1933-2015) foi um neurologista inglês, notabilizado pelos diversos livros permitindo o acesso do grande público a temas técnicos da Neurologia.

Você já morava em Londres?

Não, ainda não. Como disse, fui morar em Lisboa, no segundo semestre de 1994. Parei o curso de Psicologia, aluguei o apartamento que tinha no Rio, vendi meu jipe Toyota e investi na estruturação do IIP em Portugal. Nesse período, viajei para Londres algumas vezes antes de conseguir me estabelecer lá. Começamos a trabalhar no escritório de um parente do Mário Oliveira. O Mário e a Adriana [Lopes] passaram o ano de 1995 conosco em Lisboa, trabalhando comigo na estruturação da Unidade de Portugal. Eles voltaram ao Brasil no final do ano, para terminar o curso de psicologia que eles faziam.

Você ficou quanto tempo em Lisboa?

Fiquei mais ou menos dois anos e meio, do segundo semestre de 1994 até 1996.

94/95 até 97?

É isso, fiquei em Lisboa até o final de 96. Em 1996, depois que o Mário e a Adriana voltaram, ficamos em dois professores, a Angélica Guidini, que havia chegado a Lisboa, ainda em 1995, e eu. A Angélica, de Curitiba, PR, foi para Lisboa para trabalhar conosco na unidade que a gente abriu lá. Embora eu fosse muito ligado em começar logo uma unidade em Londres, era importante ter mais um professor em Lisboa antes de seguir para a Inglaterra. Até que no final de 1996, a Mônica Rezende se juntou a nós em Portugal. Assim, com Angélica e Mônica em Portugal, comecei 1997 responsável pela nova unidade do IIP em Londres, na Inglaterra.

Não tinha ainda unidade lá. Tinha algum voluntário por lá?

Havia pessoas interessadas. Pessoas do cadastro do Instituto. Era o caso, por exemplo do Marcelo, a Tiane e a Veruska, que acabou chegando em seguida. Logo depois, o Rodrigo, namorado dela, também ficou um tempo por lá. Alugamos uma casa bem legal, em Catford, sudeste de Londres, onde morávamos nós cinco e onde chegamos até a fazer algumas palestras e cursos. Então, foi durante o período de Lisboa que fui assistir a palestra do Oliver Sacks. O homem era muito bom, bem-humorado e irreverente. Usava terno e tênis.

E você conseguiu dar o livro para ele?

Sim, dei o 700 para ele.

Como foi o contato com ele?

A reação dele...

Era um livro em português...

Sim, a primeira edição do 700 Experimentos da Conscienciologia, recém-lançada, em português. Lembro do Sacks dizer: como é que eu vou ler isso? Não leio português! Eu falei: trata-se de uma obra inovadora que vale o esforço. Veja os títulos dos capítulos, os neologismos latinos, as referências. Olha bem... é um livro importante para quem se interessa pelo tema...

Consciência...

Eu esperava alguém curioso, aberto para o novo, mesmo que em um livro em português. Assim, acabou sendo decepcionante porque, por exemplo, eu pedi para tirarmos uma foto com o livro e ele não aceitou. Outra coisa, a despeito da excelente palestra, quando abriu para perguntas, uma típica senhora londrina perguntou: na sua prática clínica, qual a sua visão de experiências de vidas passadas?

Perguntaram direto...

Primeira pergunta! Ele respondeu em uma palavra, e pior, de baixo calão, já pedindo a próxima pergunta. Uma dissonância em um ambiente erudito e tradicional como aquele, a Royal Geographical Society. Achei meio constrangedor, mas, ainda assim, fui falar com ele no final da apresentação. Nos poucos minutos que estivemos juntos, antes de lhe pedir a foto com o livro, perguntei-lhe o que pensava sobre a experiência de quase morte, mas também reagiu mal, como se fosse algo ridículo e impossível. Resumindo, ele desprezou a pergunta da mulher diante de todos, e depois comigo reagiu do mesmo modo. Pode ser ingenuidade minha, mas eu pensava que um pesquisador-escritor daquela envergadura seria uma pessoa aberta a coisas novas e não foi o que ocorreu, não apenas nesta oportunidade com o Sacks, mas, também, em outros contatos com outros pesquisadores de primeiro escalão com quem tive oportunidade de interagir.

Ele passava a ideia de abertura a esse tipo de fenômeno, digamos. Porque ele escreveu os livros dele sobre coisas tão estranhas, diferentes.

Exato! Eu esperava outro comportamento do Oliver Sacks. Entretanto, pelo contrário, ele se mostrou materialista convicto e reativo. Um médico renomado internacionalmente, mas para quem consciência é subproduto do cérebro físico.

Interessante...

A próxima vez que estive na Inglaterra, foi bem melhor. Então, o evento ocorreu em Cambridge, na Saint John's College, uma das mais de 30 universidades dessa tradicional cidade e centro universitário inglês desde o Século XIII. Em Cambridge passaram vultos como Isaac Newton e Francis Bacon, além de seus pesquisadores terem recebido 68 prêmios Nobel. E o evento era dedicado à pesquisa da consciência. Somente figurão tinha ali. Por exemplo o **Charles Tart**².

Qual evento foi?

Beyond the Brain, New Avenues for Consciousness Research (Além do cérebro, novos rumos na pesquisa da consciência), que ocorreu de 24 a 27 de agosto de 1995, tendo sido organizado por **David Lorimer**³, do *Scientific and Medical Network (SMN)* e também pelo *Institute of Noetic Sciences (IONS)*. Participaram também o **Stanislav Grof**⁴, o **Willis Harman**⁵, o **Peter Fenwick**⁶, o astronauta que teve expansão de consciência e fundador do IONS **Edgar Mitchell**⁷, entre diversos outros renomados autores e pesquisadores. Muito legal ter tido a oportunidade naquela época de conhecer e interagir com esse povo com um paradigma bem mais aberto.

Estava lá o John Beloff?

Sim, **John Beloff**⁸, conversei com ele, ficamos amigos.

Eu quero saber disso.

O John Beloff conhecia o Waldo. Tomamos o café da manhã juntos naqueles dias.

2 **Charles Theodore Tart** (1937-) é um psicólogo e parapsicólogo estadunidense. Ele realizou pesquisas laboratoriais pioneiras sobre experiência fora do corpo ou projeção da consciência, bem como introduziu o conceito de estado alterado de consciência.

3 **David Lorimer** (1967-) é um médico inglês, autor e ativista associado aos temas da consciência e espiritualidade.

4 **Stanislav Grof** (1931-) é um psiquiatra tcheco, fundador da Psicologia Transpessoal.

5 **Willis W. Harman** (1918-1997) foi um engenheiro estadunidense, autor de livros e artigos visando o desenvolvimento do potencial humano e a transformação da consciência.

6 **Peter Brooke Cadogan Fenwick** (1935-) é um psiquiatra inglês, referência mundial na pesquisa do fenômeno da Experiência de Quase Morte (EQM).

7 **Edgar Dean Mitchell** (1930-2016) foi um astronauta estadunidense, o sexto homem a pisar na Lua, que teve uma expansão de consciência quando em missão e dedicou-se a promover o tema da transformação da consciência.

8 **John Belloff** (1920-2006) foi um psicólogo, filósofo e parapsicólogo inglês, autor de diversos livros e artigos, professor da Koestler Chair of Parapsychology na Universidade de Edinburgh.

E aquele pesquisador que virou projetor? Aquele parapsicólogo que dessomou em 2000?

Arthur Ellison⁹. Também ficamos amigos. Estive na casa dele, ele esteve em nossa casa, em alguns de nossos eventos, algumas vezes. Ele chegou a estar em mais de uma das minhas palestras em Londres. Uma delas na *Golden Square Book Shop*. Eu o trouxe à palestra do Wagner [Allegretti], eu o apresentei ao Waldo, ele veio por dois anos consecutivos participar das palestras que organizamos para o Waldo em Londres, uma delas no mesmo auditório utilizado pela *Society for Psychical Research (SPR)*.

Ele era projetor, desenvolveu projetabilidade. Eu tenho o livro dele.

É, mas o principal interesse dele era fazer um projetor conseguir ver seu alvo mental, os números que tinha lá. Diversas vezes ele me questionou se em nossos cursos tínhamos algum projetor que ele pudesse convidar para tais experimentos. Tipo as pesquisas do Charles Tart.

Ele queria seguir o método da ciência.

Isso, mas ao mesmo tempo que a gente ficou amigos, por outro lado, ele evitava reconhecer oficialmente a Conscienciologia. Quando era pessoalmente a gente se dava superbem. Como disse, fui à casa dele. Ele foi lá em casa. A gente se encontrou muitas vezes. Uma vez ele me confidenciou: “*you’re a member of the club*”. *Member of the club*.

Um clube dele, entre os amigos dele. Seleto grupo de amigos.

“*Member of the club*”, ele se referia ao seleto grupo daqueles que aceitavam a multidimensionalidade. Ele foi duas vezes presidente da SPR. Então, eu tinha grande apreço por aquele senhor! O velhinho era gente boa demais, muito bem-humorado. Conversamos sobre Conscienciologia. A única ressalva que posso tecer é que embora nos conhecesse bem, nunca chegou a escrever, reconhecer ou recomendar nosso trabalho.

Ele sabia tudo o que era [a Conscienciologia]. Os livros.

Sabia o suficiente, mas não sei se entendeu. Chegou a ler o livro *Projections of Consciousness* (Projeções da Consciência), teve “n” oportunidades. Mas sempre se manteve no lado do paradigma da comprovação científica, sem ser capaz de se envolver com a autoexperimentação do paradigma da consciência.

9 **Arthur James Ellison** (1920-2000) foi um engenheiro e parapsicólogo inglês.

Ele nunca disse o porquê não falava disso em público, você não conseguiu abordar esse assunto com ele?

Não. Ele era idoso, dessorou alguns poucos anos depois.

*Ele morreu em 2000 [06.09.2000]. Eu tenho o livro dele, chama *Altered States of Reality*. É um livro póstumo em que fala que ele acha que o ideal seria o parapsicólogo desenvolver a projetabilidade para poder... Será que ele pegou essa ideia da Conscienciologia, de uma certa forma?*

Não sei dizer com certeza. Teve um texto que ele escreveu, quando menciona algo assim, já depois que nos conhecíamos, em um jornal informativo da SPR ou do SMN. Ele era muito produtivo, escrevia bastante. Nos encontros e eventos, ele sempre se manifestava. Então, por exemplo, no congresso *Beyond the Brain*, primeiro contato que tivemos, sempre que havia oportunidade, ele entrava para falar. O Ellison falava muito bem. Ele foi duas vezes presidente da SPR. A SPR tinha um encontro mensal naquela época. Sempre que podia, eu ia. Muito oportuno para conhecer as pessoas, a secretária até me conhecia como um representante do associado Waldo Vieira. Cheguei a conhecer e conversar com algumas pessoas ali, mas eu era tipo um outsider.

Sim, sim, como outros que deviam ter lá, visitantes.

É isso. Um caso curioso ocorreu comigo na Sociedade Teosófica, fui pedir para dar uma palestra lá. A Sociedade Teosófica que lembro de ter sempre admirado. A Teosofia...

Aquela lá deve ser a primeira do mundo. Na Inglaterra.

É. Figuras históricas ao modo de Annie Besant, Charles Leadbeater e aquela russa, como se chamava mesmo?

A própria [Helena] Blavatsky.

Isso, e mais tarde o Krishnamurti. Mas, nos tempos que eu andava por lá, eles realizavam muitos eventos, de diferentes linhas, na Sociedade Teosófica. Havia palestra para todos os gostos, grande variedade de temas, correntes e palestrantes. Tratava-se de um local de encontro. O caso foi o seguinte... Estive lá algumas vezes. Em determinada oportunidade consegui falar com a vice-presidente, a senhora responsável pela seleção e organização dos eventos. Sugeri que nos convidassem para ministrar uma palestra lá a respeito da experiência fora do corpo. A senhora me respondeu: *We don't need foreigners. We have very good people here*, traduzindo: "Não precisamos de estrangeiros para falar sobre projeção. Temos muita gente

que domina esse assunto por aqui”. Isso ocorreu comigo na Sociedade Teosófica de Londres. Talvez devido ao sotaque... Na Inglaterra, particularmente, a pronúncia do idioma inglês é um dos critérios para a avaliação das pessoas.

O tipo de sotaque inglês que elas têm. Se é inglês ou se é estrangeiro. Você falava bem inglês.

Ministrei palestras e cursos em inglês. Eu falava bem, me expressava bem, mas veja: sou e tenho acento de estrangeiro.

É lógico.

Quando morei na Califórnia, onde eu aprendi a falar inglês, eu cheguei lá com 17 anos. Em Los Angeles, na época, havia uma comunidade de brasileiros funcionários da Varig. Meu pai era aviador da Varig que precisava de diversas tripulações, além de pessoal de terra, para receber e despachar os voos que iam do Brasil para o Japão. Era preciso trocar a tripulação em Los Angeles. Afinal o voo Rio / São Paulo para Tokyo durava algo em torno de 24 horas.

Em vez de ficar num hotel eles ficavam em uma vila da Varig?

Não exatamente, cada família alugava casa ou apartamento em pequenos condomínios. De qualquer modo, alguns pequenos grupos moravam próximos, além das crianças e jovens estudarem juntos, ou seja, estávamos sempre próximos uns dos outros. Lembro que fiz lá o 12º ano do ensino médio [*high school*].

Entendi.

Cada um alugava sua casa. Nossa família morou primeiramente em Hollywood, depois moramos em Torrance. E tinha alguns condomínios que realmente as pessoas interagiam mais. Foi muito interessante, pois pude perceber que a criança quando ia para os Estados Unidos até os 12 anos de idade, ela conseguia aprender inglês sem sotaque. Depois dos 12, eu vi isso na prática, embora fosse possível aprender excelente inglês, mas guardaria algum nível de acento de estrangeiro.

Pode ser ótimo...

Isso, aprende, mas vai ter sotaque depois da consolidação do aparelho fonativo. Você não vai conseguir falar igual ao nativo.

Então para não ter erro gramatical. Erro de inglês não vai ter.

Você pode falar perfeito, mas com sotaque. Um sotaque que não é o de um nativo. Qualquer um vai perceber...

Vão perguntar de onde você é.

É isso. Vão perguntar: de onde você é? Você fala inglês muito bem e tal, mas você é de algum outro país. Pelo tipo de sotaque é possível já perceber se é latino de língua espanhola, ou do português, ou mesmo francês, por exemplo. O mesmo ocorre com os diferentes tipos de sotaques do inglês americano, da Inglaterra, sem contar os fortes e característicos acentos da Escócia, Irlanda, Austrália, Nova Zelândia e por aí vai...

Não se esperaria da Sociedade Teosófica. Não se esperaria uma coisa dessas, afinal é um lugar, digamos, a própria Teosofia é uma mistura de coisas.

É a lembrança que tenho, talvez eu tenha confundido alguma coisa... Por outro lado, os próprios indianos. A Teosofia descobriu o Krishnamurti na Índia... E o Krishnamurti...

Depois deixou eles. Era para ele ser o príncipe da Teosofia.

...em 1936, preparado para ser o “professor do mundo” dissolveu naquele ano a Ordem Estrela do Oriente, preparada especialmente para ele. Praticamente desfez a Teosofia. Desde então ele sempre enfatizou a autonomia individual. A história dele me influenciou muito. Sempre lembro de uma citação do Krishnamurti que diz mais ou menos assim: “uma teoria, quando se trata da vida interior, baseada na experiência de outra pessoa não faz nenhum sentido. É preciso deixá-la completamente, pois precisamos nos apoiar em nós mesmos”.

De quem mais você lembra?

Penso que vale mencionar o contato com o organizador do evento *Beyond the Brain*, o David Lorimer, presidente do *Scientific and Medical Network (SMN)* que junto com o *Institute of Noetic Sciences (IONS)* promoveram o evento.

Essa era a instituição ou entidade que fez o evento?

Sim, como o evento ocorreu na Inglaterra, o SMN foi o principal organizador do evento. O IONS, embora com bastante gente presente não teve participação tão efetiva na produção do evento. O SMN é uma instituição inglesa, com

grupos de trabalho em diversas cidades e países. Tive oportunidade de interagir tanto com o Lorimer quanto com o Peter Fenwick. O Lorimer me convidou para passar um dia em sua casa nos arredores de Londres, onde conheci sua esposa. Também, em uma das vindas do professor Waldo a Londres, pudemos organizar uma reunião, no Hotel onde estava hospedado, dele com o Lorimer. Ainda, o Lorimer me convidou para diversas atividades do SMN em diferentes localidades e eventos. Fui a algumas delas.

Ele deu abertura também para as ideias da Conscienciologia? Ele escutou sobre isso?

Sim, escutou.

Ganhou os livros?

Sim, ele se interessou bastante. Tanto que o Lorimer fez questão de conhecer o Waldo. Conversamos umas boas horas. Não me recordo se veio à palestra do Waldo, mas acho que não. Lembro bem da presença do Ellison.

O Ellison foi na palestra? Você sentou junto com ele?

O Ellison veio. Tivemos casa cheia, era muita gente para dar atenção.

Ele chegou bem perto disso tudo.

Sim, sim. Apresentei os dois antes da palestra. Inclusive durante a palestra do Waldo...

Ele fez intervenção?

Não exatamente, ele assistiu toda a palestra, mas em uma determinada altura sua cabeça chegou a tombar, compreensível até pela idade que tinha. O Waldo viu e depois ficou implicando...

Porque ele deve ter ficado de olho. Como é que vai ser? Até a questão de aura, essas coisas assim.

Ellison era 12 anos mais velho que o Waldo.

Ele já era bem mais velho. E o Waldo fez algum comentário sobre ele? O que ele achou do Ellison?

Pelo que lembro o professor Waldo referiu-se ao Ellison como se fosse materialista. Um cara de ciência que quer provar os fatos, quando na verdade, para

a Conscienciologia o importante não é provar, o importante é ter a experiência e ajudar as pessoas com um paradigma que habilita, que favorece, que estimula o desenvolvimento pessoal. Convencer é impor. Então, o Ellison estava submetido a este condicionamento, esse patamar científico da SPR que é o de provar, de convencer, de tornar científico algo que não pode ser científico, mas é paracientífico.

Então, mas o Lorimer, como é que foi a tua relação com ele, as conversas? Como é que você vê ele em relação aos temas da consciência. Você falou já do Ellison bastante. E o David Lorimer?

Olha, se puder sintetizar não sei se há tanta diferença. Talvez pela idade e menor quantidade de itens na agenda, tive bem mais tempo com o Ellison. O Lorimer era diretor atuante da SMN (de 1986 a 2000). Um homem muito mais ocupado. Vale também lembrar que com esse contato que eu tive com o Lorimer, também pude ter algum contato com o Peter Fenwick que era um dos fundadores e grande expoente do SMN.

Ainda é. Ele é uma sumidade na área da EQM.

Exato. Lembro que o CEAEC (ou o IIPC?) organizou um evento de EQM. Passei o contato dele para o pessoal da organização que entrou em contato e conseguiram trazer o Fenwick para palestrar aqui no Brasil. Lembro do Fenwick, uma pessoa bem curiosa. Uma vez, em um dos eventos do SMN, ele veio conversar comigo e perguntou como eram os amparadores. Ele queria saber como era encontrar ou ser encontrado pelos amparadores. Um outro contato muito interessante foi com o Charles Tart.

Que é um cara que está na ponta dessa discussão hoje em dia. Dos principais, digamos, que tenta desconstruir o paradigma fisicalista.

Na época ele já era um ícone. Dedicou sua vida a isso. Ele nasceu em 1937, sendo, assim, cinco anos mais novo que o Waldo. Daí você vê, 1966, Universidade de Davis, ele teve a iniciativa de colocar uns números como alvo mental para o projetor consciente. Antes mesmo da Miss Z confirmar os números, o Tart, na década de 1950, já conduzia esse tipo de experimento com os colegas universitários no porão da casa onde morava.

E como foram as conversas com ele?

Muito bem-humorado, pessoa agradabilíssima. O contato em Cambridge foi breve, porém intenso. Lembro de mais tarde, ter trocado alguns e-mails para

convidá-lo para o evento de Barcelona, no segundo semestre de 1999. Já estava tudo combinado. Ele nos fez uma cortesia, cobrando apenas 2000 dólares pela participação, o pessoal do Instituto já tinha concordado em pagar o valor para podermos contar com sua presença no evento. Mas aí, quando chegou em julho, o evento era em outubro, ele mandou um e-mail falando de sua preocupação com um possível bug nos computadores e que para evitar isso ele não ia querer viajar naquela época. Ele estava antecipando o tal do bug do milênio. Assim, declinou nosso convite. Uma pena, pois esse era um sonho que eu tinha e que não consegui cumprir, ver o Tart e o Waldo juntos.

Você falou do Waldo para ele?

Sim. Ele já conhecia o Waldo de suas leituras. Possivelmente da revisão do livro *Projeciologia* publicado no *Journal da ASPR*.

Do Carlos Alvarado.

Isso mesmo. Ele tinha lido, conhecia o trabalho do Waldo.

Ele ganhou o Projeciologia? Será que ele tem? O tratado traduzido?

A edição traduzida, certamente não, pois ainda não estava disponível àquela época. Apenas quando lhe perguntei se conhecia o livro, ele respondeu: *ah the blue book!* Ele lembrou rapidamente da existência do livro. Ele me deu a entender que tinha o livro. Isso quando a gente conversou em Londres a primeira vez.

Além da Projeciologia eles conheciam a Conscienciologia? Já era conhecida nessa época? Nessa época que você teve por lá, nos anos 90?

No evento *Beyond the Brain*, apresentei um poster intitulado “*The new sciences of Conscientiology and Projectiology*” cujo resumo estava inserido no programa do evento. Em todos os contatos que fizemos sempre considerava importante chamar atenção para a Conscienciologia. Assim, pelo menos individualmente, eles conheceram a Conscienciologia. Sinto que eles nos veem, pelo menos nos viam na época, como algo intrigante, mas meio alternativo, meio nebuloso, meio estranho... Algo novo, diferente e sem embasamento, o que para um pesquisador pode ser perigoso. Quando digo para você que o Ellison não chegou a mencionar ou escrever nada sobre Conscienciologia, a mesma coisa talvez ocorresse em relação aos outros pesquisadores. Então, eles nos viam assim como algo paracientífico, como algo fora do contexto... *outstream*, sabe? Fora da corrente, o que é compreensível que não fosse algo que valorizassem.

Você acha que era colocado junto com outras coisas, mais da linha da pseudo-ciência?

Mais ou menos isso. Eles nos veem como algo pseudocientífico. Fora da tradição científica para as questões não físicas estabelecida desde os fundadores da SPR, por exemplo.

Mesmo que o conteúdo tenha substância, digamos assim? Os textos, etc. É uma coisa que não é mística. Há um diferencial no conteúdo.

Eu sei, você sabe. Mas tem o condicionamento da metodologia científica. E eles querem ver esse conteúdo através de uma literatura científica. Eles não querem ver isso vindo de fora. Quando o Waldo dizia: eu não quero saber de ir lá, eles que venham aqui. O Waldo já havia percebido que esse tipo de contato é muito difícil.

E o Waldo, no Brasil, ele teve em vários lugares. UNICAMP, ele teve no INPE.

Mas isso nos primórdios, quando ele ainda...

Em [19]86, quando ele fez o Projeciologia.

... talvez quando ele ainda tentava dialogar.

Você chegou a ir com ele em alguma dessas universidades?

Sim. Por exemplo, no Rio de Janeiro nós estivemos na Gama Filho, a gente teve em Botafogo ali onde existe um prédio da Medicina oficial, onde ocorreu o lançamento do livro 700 Experimentos da Conscienciologia.

Foi ali? Não sabia.

Foi, um lançamento oficial, na verdade um dos lançamentos.

Foi no Conselho de Medicina?

Foi, se não estou enganado, na Rua Visconde Silva, em Botafogo. Não lembro exatamente o que era aquilo, mas era um ambiente de Medicina, um ambiente oficial de Medicina [Colégio Brasileiro de Cirurgiões].

E ele deu a palestra para esse público?

Sim, mas na prática, grande parte da audiência era formada por conhecidos.

Sim. Você chegou em 90, não foi? Você chegou a ir naquele curso sobre Serenões na UNICAMP?

Não, não. Esse curso antecede minha chegada ao grupo.

Isso foi também famoso, ele defendeu as quatro teses sobre a Teoria dos Serenões. É uma coisa que eu ainda queria ir atrás, parece que isso foi filmado.

Naquela época, parece que o Samuel [de Souza], o Wagner, eram os principais assessores do Waldo. Também, o Cláudio Paredes, que desomou recentemente. A Marina Thomaz... Então você vê como é que o tempo passa. Mas penso que é importante enfatizar o posicionamento do Waldo, quando ele diz “eu não quero saber de ir lá, eles que venham aqui”. O que eu entendo é que o Waldo chegou à conclusão, que respeito e concordo, com minha experiência, penso que dependendo da situação é perder tempo. Lembro de uma frase interessante do Epicteto, quando diz que é impossível uma pessoa aprender aquilo que ela pensa que já sabe. Você não vai conseguir falar para esse povo nos termos deles. É importante aos interessados, primeiro, duvidar de seus posicionamentos e ter o abertismo consciencial para novos conteúdos, o que convenhamos não é fácil para quem se considera detentor de conteúdo científico.

Quando o Waldo convidou, propôs a Interparadigmas, que ele viu que tinha gente com o diploma, digamos, e poderia talvez conseguir fazer o diálogo...

Sensibilizar de algum modo. Perfeito!

... por uma linguagem parecida, alguma coisa.

Concordo. Sensibilizar por meio do esclarecimento é o nosso trabalho. Mas veja, é uma revista, é um trabalho que você edita a partir de contexto conscienciológico.

É. A gente vai atrás desse povo. A gente tem publicado material de pessoas que são do mundo acadêmico, assim uma ou outra coisa. Tem alguma coisa.

Sensibilizar aqueles que forem mais sensíveis. Certamente existem muitos pesquisadores predispostos.

São os que estão no limiar do paradigma, digamos, os que estão já querendo outro paradigma ou ampliar o paradigma, nesse sentido. É pouquíssima gente, mas tem.

Tem, todavia, existe lá um paradigma rígido, estabelecido, fincado, estruturado, e pode até ser, tomara que sim, que no futuro se abra. Mas, se a gente for ver o [Max] Planck, ele diz que tem que desaparecer uma geração para vir uma nova ideia. Vamos ver, as gerações estão passando...

Sim, mudar um paradigma. E me fala do teu contato com o John Beloff, como é que foi.

Então, o Beloff, era bem aberto.

Ele era filósofo. O John Beloff ele não era médico, ele era um filósofo.

É. Ele tinha textos importantes, ele tinha conteúdos publicados sobre a consciência. Ele já tinha estado com o professor Waldo anteriormente, talvez em alguma das viagens do Waldo à Europa.

Ele conheceu o Waldo.

Ele me deu a entender que sim, que conheceu o Waldo pessoalmente.

O Beloff está na bibliografia do Projeciologia.

Cheguei a convidar o Beloff para palestrar para nosso grupo, quando fazíamos palestra toda semana em Londres, no *Golden Square Book Shop*, uma excelente localização no centro da cidade. Cheguei a morar um período na casa do Peter Harrison, o dono da livraria. Ele alugava uns quartos. Tinha boa amizade com o Harrison. Eu tinha até a chave da livraria. Eventualmente convidava pessoas para dar palestras, para interagir. E o Beloff veio uma vez e deu essa palestra lá para nós.

Ele morava em Londres?

Não, se não me engano ele morava na Escócia.

Claro, ele morava em Edinburgh, sim. Você esteve lá?

Não, não tive oportunidade, mas é isso mesmo, ele morava em Edinburgh. Ele era professor lá na Universidade de Edinburgh. E aí, uma das vezes...

Acho que tinha lá uma cátedra de Parapsicologia.

Exatamente. E ele era um dos responsáveis. Como já disse, eu o convidei e ele veio a Londres, quando aproveitou e fez a palestra para nós. Esse, de todos eles, era um dos mais predispostos. Ele esteve conosco, veio e falou de sua experiência, como desenvolveu essa cátedra em Edinburg, de Parapsicologia e coisas assim. Foi bem legal, mas uma vez só.

Você não chegou a ter mais contato com ele?

Não, pessoalmente não.

Você não falava por e-mail com ele?

Talvez umas poucas vezes.

Mas ele conheceu, então. Ele tinha noção da Conscienciologia. Nessa ocasião você saiu com ele, conversou com ele.

Sim, no *Beyond the Brain* a gente se encontrou algumas vezes. A gente tomava café da manhã juntos, me lembro disso. Nos dias do evento a gente se encontrava e ele me contava a história dele e o contato que ele teve com o Waldo, sobre o livro do Waldo, e coisas assim. Então foram nessas duas oportunidades que estivemos juntos com o Beloff. Mas eu me lembro, é muito positiva a memória que eu tenho desse contato com ele. Então como estou te dizendo, lembro de ele ter manifestado abertura, embora tenham sido apenas duas vezes e eu não tenha ficado tão amigo dele como eu do Ellison, por exemplo.

Ele morava em Londres? Era mais fácil de encontrar?

É, então. Muito mais fácil de encontrar. Era pegar o metrô. E havia sempre algum tipo de encontro mensal, que eles tinham. Eventualmente eu ia e encontrava com o Elisson e os demais pesquisadores.

Ele e o grupo de amigos?

É, tinha o grupo do SMN e o grupo da SPR. Quando não tinha palestras ou cursos da unidade de Londres eu ia. Foi uma experiência muito rica de ter podido interagir com essas ilustres figuras.

Sim, da história da parapsicologia.

Como dissemos, o Arthur Ellison foi presidente da SPR em duas gestões. Para quem conhece o histórico da SPR, não é pouca coisa. Teve dois outros pesquisadores, que eu estou lembrando agora, o **David Fontana**¹⁰, também presidente da SPR e **Guy Claxton**¹¹. Esse segundo, renomado autor, também conhecia o trabalho do Waldo e seus livros. Ele palestrou no Beyond the Brain, mas eu o conheci pessoalmente numa tarde que estive na SPR, e ele lá se encontrava. Havia uma sala com biblioteca e as pessoas iam e ficavam conversando. Na verdade, a Biblioteca oficial, bem grande, ficava em outro local. A conversa foi bem interessante. Também tinham outros eventos, eu sempre que podia fazia questão de ir para conhecer as pessoas, para ver os debates desse povo de perto. Outro de quem lembro é **Rupert Sheldrake**¹², não foi na SPR, foi em um local alternativo, St. James, onde sempre havia palestras interessantes. Lembro de ter também assistido palestra do **Paulo Coelho**¹³, com quem também conversei, nesse local. Tive oportunidade de assistir a palestra do Sheldrake, outro por quem eu tinha grande admiração, afinal a importância, por exemplo da ideia de ressonância mórfica.

Ele também está trabalhando para desconstruir o paradigma fiscalista.

Fui conversar com ele ao final da palestra. Mas a reação dele foi como a de se deparar com outra pseudociência.

Tipo um descrédito a priori, sem querer nem saber direito o que é.

É. Ele olha para você com certo desdém, enquanto você fala.

Mostra o material...

É. Não quer saber. Até entendo a situação de tais pessoas, assediadas com perguntas e pedidos muitas vezes inconvenientes.

O Harman você não falou ainda, do livro que você traduziu.

O Willis Harman era um homem deveras conceituado. A história dele é bem marcante. Ele tinha um curso aberto em Stanford, tipo curso transdisciplinar,

10 **David G. J. Fontana** (1934-2010) foi um psicólogo e parapsicólogo inglês, dedicado ao tema da espiritualidade.

11 **Guy Claxton** (1947-) é um psicólogo inglês, especialista em aprendizagem.

12 **Alfred Rupert Sheldrake** (1942-) é um biólogo inglês, proponente da teoria da ressonância mórfica.

13 **Paulo Coelho de Souza** (1947-) é um escritor brasileiro de obras literárias de cunho espiritualista, traduzido para dezenas de idiomas e mundialmente famoso.

chamado de Potencial Humano, muito concorrido e que ajudava as pessoas a se organizarem e a se desenvolverem. Harman foi um dos fundadores e presidente por duas décadas do *Institute of Noetic Sciences*.

A gente mandou o material [Interparadigmas] para lá, para o Dean Radin.

Dean Radin¹⁴, sim importante personalidade. Na época já participava do IONS.

Ele recebeu as Interparadigmas. Ele fez uma entrevista com a gente, por e-mail. Nós vamos publicar a entrevista com ele. Uma pessoa bem aberta.

Muito bom. Então o Charles Tart, o Willis Harman, e tem também um outro grupo de pessoas, **Marilyn Schlitz**¹⁵, a diretora de pesquisa do IONS que também conheci nesse evento lá na Inglaterra, ela estava lá junto com esse pessoal, quando teve oportunidade de falar sobre a produção científica do IONS. O trabalho desse Instituto é forte e impactante.

Qual está falando? Noetic Sciences?

Sim, o *Institute of Noetic Sciences* (IONS), no caso, americano.

Sim, é na Califórnia.

O *Noetic Sciences* foi co-organizador desse evento em Cambridge junto com o *Scientific and Medical Network*. Os dois organizaram juntos, a parte americana foi o *Noetic Sciences*. Tem muita gente boa lá. Mesmo depois de todos esses anos, ainda lembro do impacto que exerceram em mim, as palestras do Tart, a última, uma das mais brilhantes que já assisti; mas também, e principalmente a primeira, do Willis Harman, que tratou da exploração científica da consciência, ou seja, epistemologia, que já era meu interesse de pesquisa desde aquela época. A palestra do Harman tinha tudo a ver com meu tema e interesse de pesquisa.

Exploração no sentido de investigação?

É. Mesmo agora, depois de todos esses anos, quando releio este pequeno grande livro que traduzi, alguns conceitos ainda me chamam atenção. Coisas que ainda quero estudar e conhecer melhor. O livro é bastante interessante.

14 **Dean Radin** (1952-) é um engenheiro elétrico e parapsicólogo estadunidense, pesquisador-chefe do *Institute of Noetic Sciences* (IONS).

15 **Marilyn Schlitz** (1957-) é uma antropóloga e autora estadunidense, dedicada ao tema da saúde integral.

O livro é bem interessante mesmo, eu achei também.

O livro oferece uma visão geral, uma visão de conjunto do conhecimento sobre o tema consciência. Ele faz uma viagem em conteúdos e conceitos fundamentais para a exploração científica da consciência.

Qual foi o livro mesmo? O título do livro, quando é que foi escrito? Para a gente registrar.

O título é *Exploração Científica da Consciência – Em Direção à Epistemologia Adequada*. Tinha acabado de ser publicado no Congresso em Cambridge. Foi custeado pelo Instituto de Ciências Noéticas. Foi escrito em coautoria com **Christian de Quincey**¹⁶. O Harman também chegou a escrever livros em parceria com **Howard Rheingold**¹⁷ e **Joseph Campbell**¹⁸.

Quando você publicou?

Comecei e terminei logo a tradução. Mas faltava a revisão final. Os anos passaram. Um dia, acho que em 2007 ou 2008, lendo a Folha de São Paulo, encontrei a Casa Willis Harman, em São Paulo. Que coisa interessante! Quando fui a São Paulo, estive lá e conheci a **Simone Ramounoulou**¹⁹, uma brasileira que faz parte da diretoria do Instituto de Ciências Noéticas. Ela representa no Brasil, além de outras instituições interessantes, o Willis Harman e o IONS.

É uma casa aberta à visitação? Um local em que eles dão cursos, atividades?

Sim, consultorias, cursos, atividades e publicações. Eu a trouxe a Foz, acho que em 2017, para a palestra “O que é ser humano”.

Você se ofereceu para traduzir o livro? Como é que foi?

Quando eu assisti a palestra dele, *Exploração Científica da Consciência - Em Direção a uma Nova Epistemologia*, fiquei impressionado com o Harman. Em um dos intervalos do evento, ao encontrá-lo, me ofereci para traduzir algum de seus livros para o Português; ele sem pensar duas vezes, a despeito das suas outras obras disponíveis, me indicou, me oferecendo um exemplar, a *Exploração Científica da Consciência*, como se fosse sua obra-prima, dizendo que queria ver esse conteúdo debatido em outros idiomas, além do Inglês.

¹⁶ **Christian de Quincey** é um filósofo e autor especializado no tema da consciência.

¹⁷ **Howard Rheingold** (1947-) é um autor estadunidense especializado em tecnologia e expansão da cognição humana.

¹⁸ **Joseph Campbell** (1904-1987) foi um pesquisador estadunidense especializado em mitologia e religião.

¹⁹ **Simone Ramounoulou** é uma administradora de empresas e humanista brasileira.

E você gosta de Filosofia, não é?

Exatamente! Meu tema de pesquisa desde 1992 (salvo engano), quando o prof. Waldo pediu que cada um no Instituto àquela época apontasse o interesse de pesquisa pessoal.

É muito raro alguém falar epistemologicamente dessas coisas.

Sem dúvida!

Você ficou com o contato dele.

Ele ficou com o meu. Duas semanas depois, me mandou para Lisboa uma carta com a autorização para fazer a tradução.

A que saiu no livro? Está lá uma cópia dessa carta.

Sim, isso mesmo... Menos de dois anos depois ele dessemou.

Já faz tempo. Foi 97.

Dia 30 de janeiro de 1997, dessemou do Willis Harman. Um homem extraordinário.

Você chegou a fazer uma correspondência com ele, contatos, ou foi só aquela vez mesmo?

Apenas nossa conversa em Cambridge e a carta que ele me mandou. Sorte que temos uma foto dele, do Lorimer e eu.

E aí você fez essa tradução agora ou foi...

Não, eu comecei a fazer a tradução imediatamente. Mas, foi um caso complexo. Então eu fiz uma primeira versão, mas quando eu relia, não achava que estava bom.

Não estava satisfeito.

Acho que eu precisava amadurecer.

Mas nunca deixou de lado.

Até que quando eu conheci a Simone Ramounoulou, tive o impulso que faltava para concluir a tradução.

E o que ela achou disso?

Ela pareceu bem interessada. Para mim foi um sincronismo bem legal. Outro brasileiro que teria conhecido o Harman e ter sua autorização para traduzir uma de suas principais obras. Tanto que quando eu conversei com ele de traduzir alguma coisa, ele falou: é isso aqui, quero ver essa temática debatida no maior número de idiomas possível. Você vê, precisei de ter essa experiência. A experiência pessoal de redação é uma coisa muito interessante. Escrever não é uma coisa simples. E quando se é tradutor, você também está escrevendo. A ideia não é sua, mas você está colocando naquele idioma a ideia do autor, acaba que está colocando suas ideias, porque é uma expressão idiomática.

Você não consegue traduzir, não tem como traduzir.

Então você tem que expor, de certo modo você é escritor. A ideia não é sua, mas você está escolhendo as melhores palavras, expressões e inflexões.

O tradutor, ele acaba ficando muito vinculado com o autor, consciencialmente falando.

E veja, acho que no meu caso, esses anos de experiência que tive na condição de revisor dos textos do professor Waldo e na Revista Conscientia foram importantes para que eu amadurecesse. Por exemplo, lembro de uma vez ter mostrado um texto meu em inglês para o professor Arthur Ellison e ele me retornou com uma frase de quem não havia entendido a mensagem do texto.

Ah, porque é um inglês...

Não, penso que é porque ele não conseguiu entender mesmo. Escrever requer maturidade da autonomia, caso contrário é repetição. Ainda mais em outro idioma como o inglês.

Problema do inglês ou os neologismos da Conscienciologia?

Os dois fatores. Tanto na escrita em inglês, quanto na autorredação, a capacidade de você escrever. Assim, penso que esse período foi necessário para finalizar a tradução. Não vou dizer que o texto esteja excelente, porque possivelmente se formos olhar agora vamos encontrar o que melhorar.

Ele fala essa questão da pesquisa em primeira pessoa do estado alterado. Isso aí é o que a Conscienciologia propõe, é a base da Conscienciologia.

É verdade. O livro valoriza bastante a experiência pessoal.

Ele é o que chegou mais perto, mais aproximação teve. Ele fala do nó górdio.

O livro apresenta uma interessante analogia com um grupo de escoteiros que se lançou à frente e na exploração vislumbrou as novas dimensões de um outro paradigma e, nesse sentido, propõe uma epistemologia provisória com nove atributos capazes de embasar uma nova epistemologia da consciência. A primeira delas é ser radicalmente empírica, devendo abranger a totalidade da experiência humana. Consciência não seria uma coisa a ser estudada por um observador externo, mas precisa envolver a observação do sujeito que vivencia a experiência. Essa epistemologia provisória foi formulada para que as pessoas discutam e, a partir de um consenso maior, possam formular uma epistemologia sólida e sistematizada.

O que seria uma epistemologia de uma nova ciência, propriamente.

É, exatamente.

Na história, sempre que surge uma nova ciência, ela não tem ainda uma epistemologia no início. Ela tem certos resultados, que são diferentes das outras ciências.

Isso.

Depois é que vão surgir essas elaborações.

Exatamente isso. A ideia é que se exponham as experiências conscienciais, projeções por exemplo, em primeira pessoa, que se discutam as possibilidades e que a partir daí se estabeleça um paradigma mais completo. Existe aí uma área de intercessão muito interessante com a Conscienciologia.

Tem. Eu queria tirar mais proveito disso. Citar, enfim, trazer para a discussão.

No contexto da megaproéxis cada um deve definir sua responsabilidade. No meu caso, vejo a Autonomia em Saúde, em suas variáveis básicas, enquanto etapa essencial para a compreensão e vivência de uma epistemologia da consciência ou do paradigma consciencial. Assim, estou dedicado a contribuir para a educação e qualificação da identidade pessoal e do nível evolutivo. Em síntese, a etimologia da palavra saúde, quando aponta para completude, sugere ajudar a pessoa interessada a ser capaz de ampliar a capacidade de integrar o que ela resiste. Temos trabalho a ser feito. Vamos nessa!